

Da autora de  
*Como eu era antes de você*

intrínseca

# O som do amor



# JOJO MOYES

“Uma combinação habilidosa de emoção e personagens muito bem construídos.”

*Marie Claire*



O som  
do amor



# O som do amor

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo's Mojo Ltd., 2008  
Esta edição não pode ser exportada para Portugal.

TÍTULO ORIGINAL

Night Music

PREPARAÇÃO

Laís Curvão

REVISÃO

Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899s

Moyes, Jojo, 1969-

O som do amor / Jojo Moyes ; tradução Adalgisa Campos da  
Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Night music

ISBN 978-85-510-0066-3

1. Romance inglês. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

16-36154

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Charles

E para quem quer que já tenha pensado em começar uma obra em casa





*É um dragão que já nos devorou a todos: essas casas obscenas e escamosas, essa luta insaciável e esse desejo de possuir, de possuir sempre e apesar de tudo, essa necessidade de ser proprietário, para não ser propriedade.\**

D.H. Lawrence

\*Copyright © Espólio de Frieda Lawrence Ravagli  
Reproduzido com autorização de Pollinger Limited e o Espólio de  
Frieda Lawrence Ravagli.



Nunca sentimos que a Casa Espanhola fosse de fato o nosso lugar. Tecnicamente, éramos os proprietários, suponho, mas posse sugere certo controle e quem nos conhecia — ou conhecia a casa — nunca poderia sugerir que tivemos qualquer controle sobre o que aconteceu ali.

E, apesar do que diziam aqueles papéis, jamais sentimos que a casa nos pertencesse de verdade. Desde o início, nos pareceu abarrotada. Quase dava para sentir os sonhos das outras pessoas projetados nela, as ondas de inveja, desconfiança ou desejo que atravessavam as paredes. Sua história não era a nossa história. Não havia nada — nem mesmo nossos sonhos — que nos ligasse a ela.

Quando eu era pequena, achava que uma casa era apenas uma casa. Um lugar onde comíamos, brincávamos, discutíamos e dormíamos, quatro paredes entre as quais íamos levando a vida. Nunca pensei muito no assunto.

Bem mais tarde, descobri que uma casa podia ser muito mais que isso, que podia ser o auge dos desejos de alguém, um reflexo de como as pessoas se viam, de como desejavam se ver, que podia levá-las a se comportar de forma que as prejudicasse ou as envergonhasse. Descobri que uma casa — apenas tijolos, cimento, madeira, talvez uma pequena extensão de terra — podia ser uma obsessão.

Quando eu sair de casa, vou morar de aluguel.



# 1

Laura McCarthy fechou a porta, passou por cima do cão adormecido que babava tranquilamente no cascalho e seguiu apressada pelo jardim até o portão dos fundos. Equilibrando a bandeja num dos braços, abriu o portão, deslizou agilmente pela fresta, entrou no bosque e desceu até o riacho, que, com o fim do verão, secara outra vez.

Com dois passos ela atravessou as tábuas que Matt colocara sobre a vala no ano anterior. Em pouco tempo, choveria, e elas ficariam escorregadias e traiçoeiras de novo. Por diversas vezes, no ano anterior, Laura escorregara ao atravessar e, em uma delas, todo o conteúdo da bandeja caíra na água, um banquete para alguma criatura invisível. Então ela chegou ao outro lado, a terra úmida e grudenta nas solas dos sapatos, e seguiu para a clareira.

Fora da sombra, o sol da tarde ainda estava quente, banhando o vale de luz cálida carregada de pólen. Viu um tordo ao longe e ouviu o gorjeio peculiar e áspero dos estorninhos quando uma nuvem deles levantou voo e tornou a pousar num arvoredo distante. Ela endireitou a tampa de um dos pratos, liberando inadvertidamente um forte aroma de tomate que a fez acelerar o passo em direção à casa.

Nem sempre fora tão decrépita, tão acintosamente desagradável. O pai de Matt contara ao filho histórias de grupos de caçada que se reuniam nos gramados, de noites de verão em que a música fluuava desde as tendas brancas e casais vestidos com elegância se empoleiravam nos muros de pedra e bebiam ponche, tendo as risadas abafadas pela floresta. Matt se lembrava de uma época em que havia muitos cavalos lustrosos nas cocheiras, alguns mantidos apenas para o uso dos hóspedes de fim de semana, e existia uma garagem de barcos à beira do lago para quem gostasse de remar. Antigamente, ele contava essas histórias a ela com frequência. Era o seu jeito de equipará-la à casa da família dela, de sugerir que o futuro deles juntos estaria à altura do que Laura deixara para trás. Talvez isso fosse um modo de imaginar o que o futuro lhes reservava. Ela adorava essas histórias. Sabia exatamente como ficaria a casa se ela conseguisse impor sua vontade, pois não havia janela que ela não tivesse tapado mentalmente, centímetro de chão que não houvesse revestido. Conhecia a vista do lago de todas as janelas que davam para o leste.

Parou na porta lateral e, por hábito, enfiou a mão no bolso para pegar a chave. Antes, a porta era trancada todos os dias, mas atualmente não fazia muito sentido: todo mundo nas redondezas sabia que não havia nada para roubar ali. A casa estava decadente, a tinta descascava como se não conseguisse mais sequer ter o trabalho de refletir sobre seu passado glorioso. No andar de baixo, várias vidraças que faltavam haviam sido substituídas por toras de madeira descombinadas. O cascalho era escasso e tomado por urtigas, que roçavam malignamente em suas canelas.

— Sr. Pottisworth, sou eu... Laura.

Esperou até ouvir um resmungo no andar de cima. Era prudente avisar sua chegada ao velho. O lintel da porta estava cheio de tiros em decorrência das ocasiões em que ela havia se esquecido de anunciar sua presença. Felizmente, o velho sempre enxergou mal, comentara seu marido.

— Trouxe o jantar.

Esperou pela resposta rabugenta e depois subiu a escada, a madeira rangendo sob seus pés.

Ela estava em forma e quase não precisou recuperar o fôlego após vários lances íngremes de degraus. Mas, mesmo assim, parou por um instante antes de abrir a porta do quarto principal. Um suspiro ou um arrepio de resignação a percorreu antes que ela colocasse a mão na maçaneta.

A janela estava entreaberta, mas o cheiro azedo e nada aseado de um idoso a atingiu em cheio, com aqueles odores subjacentes de estofados empoeirados, cânfora e cera rançosa. Uma espingarda velha estava encostada ao lado da cama e a televisão a cores que haviam comprado para ele dois anos antes ficava em uma mesinha. A idade e o estado de abandono não conseguiam esconder as elegantes dimensões do quarto, a forma como as molduras da bay window dividiam o céu ao meio. Mas nunca era permitido que a atenção do visitante se detivesse nas qualidades estéticas.

— Você está atrasada — disse o sujeito na velha cama de mogno entalhada.

— Só alguns minutos — respondeu ela, com uma falsa animação. Colocou a bandeja na mesa ao lado dele e se empertigou. — Eu não pude sair. Estava ao telefone com a minha mãe.

— O que ela queria? Você não disse que eu estava aqui, *morrendo de fome*?

Laura deu um sorriso hesitante.

— Acredite ou não, Sr. Pottisworth, nem sempre o senhor é meu único assunto.

— Mas aposto que Matt é. O que ele anda fazendo? Ela ligou para dizer que você não arranhou um bom marido, foi?

Laura se virou para a bandeja. Encurvou um pouco as costas, mas o Sr. Pottisworth não percebeu.

— Estou casada há dezoito anos — disse ela. — Acho que minha escolha de marido não é novidade.

Ouviu-se uma fungada ruidosa.

— O que é isso? Aposto que está frio.

— Frango de panela com batata assada. E não está nada frio. Veio tampado.

— Aposto que está frio. O almoço estava.

— O almoço era salada.

Uma cabeça manchada com cabelo grisalho rareando surgiu de debaixo do edredom. Dois olhos de cobra se fixaram nela e se estreitaram.

— Para que você usa calças tão apertadas? Está tentando mostrar a todo mundo o que tem?

— São calças jeans. É assim que todo mundo usa.

— Você está tentando me deixar excitado. Está querendo que eu fique transtornado de desejo para depois me matar com seus artifícios femininos traiçoeiros. Mulheres feito você são chamadas de viúva negra. Eu sei.

Ela o ignorou.

— Trouxe molho inglês para a batata. Quer o molho à parte no prato?

— Consigo ver seus mamilos.

— Ou prefere queijo ralado?

— Através da blusa. Consigo ver claramente os seus mamilos. Você está tentando me seduzir?

— Sr. Pottisworth, se não se comportar, não lhe trago mais o jantar. Então pare de olhar para os meus... mamilos. Agora mesmo.

— Você não devia usar esses sutiãs transparentes provocantes. Na minha época, uma mulher de respeito usava camiseta. Uma boa camiseta de algodão. — Ergueu-se nos travesseiros, as mãos nodosas estremeando com a lembrança. — Mas, mesmo assim, dava para apalpar.

Laura McCarthy contou até dez, dando as costas para o velho. Olhou disfarçadamente para sua camiseta, verificando quanto do sutiã ele de fato conseguia ver. Na semana anterior, ele dissera que sua visão estava piorando.

— Você mandou aquele garoto trazer o almoço para mim. Mal me dirige a palavra.

O velho começou a comer. Um barulho parecido com um cano sendo desentupido tomou o quarto.

— Sim, bem, os adolescentes não têm muito o que dizer.

— Grosso, é isso o que ele é. Você devia dizer a ele.

— Vou dizer.

Ela andou pelo quarto, pegando copos e canecas e colocando-os na bandeja vazia.

— Eu me sinto sozinho durante o dia. Desde o almoço recebi apenas a visita de Byron, mas ele só quer falar de cerca viva e coelho.

— Eu já disse, o senhor podia chamar alguém do serviço social. A pessoa arrumaria a casa, vocês conversariam. Todos os dias, se o senhor quisesse.

— Serviço social! — Ele fez uma careta, enquanto um fiozinho de molho escorria pelo queixo. — Não preciso dessa gente metendo o bedelho nos meus negócios.

— O senhor é quem sabe.

— Você não sabe como é difícil viver sozinho... — começou ele, e a atenção de Laura se dispersou. Ela sabia de cor a ladainha de queixas dele: ninguém entendia como era difícil não ter mais família, estar acamado e indefeso, à mercê de desconhecidos... Ela ouvira todas as variações desse tema tantas vezes que era capaz de recitá-las. — ...Claro que tenho você e Matt, um pobre velho feito eu. Não tenho ninguém a quem deixar os meus bens... Você não sabe como dói ser tão sozinho... — Sua voz ficou mais fraca, e ele estava quase chorando.

Ela amoleceu.

— Eu já disse que o senhor não está sozinho. Não enquanto morarmos aqui ao lado.

— Vou lhe mostrar minha gratidão quando morrer. Você sabe disso, não é? Aquela mobília no celeiro vai ser sua depois da minha morte.

— Não precisa falar assim, Sr. Pottisworth.

— Não será só isso, sou um homem de palavra. E tenho consciência de tudo o que você fez por mim durante todos esses anos... — Ele espiou a bandeja. — É meu arroz-doce?

— É um ótimo crumble de maçã.

O velho pousou o garfo e a faca.

— Mas é terça-feira.

— Bem, fiz crumble de maçã para o senhor. O arroz-doce acabou e não consegui ir ao supermercado.

— Eu não gosto de crumble de maçã.

— Gosta, sim.

— Aposto que pegou maçãs do meu pomar.

Laura respirou fundo, e ele continuou:

— Aposto que você não é tão boazinha quanto diz. Aposto que mentiria para conseguir algo que quisesse muito.

A voz dela saiu entre dentes:

— Comprei as maçãs no supermercado.

— Você disse que não teve tempo de ir ao supermercado.

— Comprei três dias atrás.



— Não entendo por que você não podia ter comprado arroz-doce também. Não sei o que o seu marido deve achar de você. Sem dúvida deve satisfazê-lo de outras formas...

Ele sorriu de um jeito lascivo, mostrando brevemente as gengivas sob os lábios molhados, depois se concentrou no frango de panela.

Laura já havia terminado de lavar a louça quando Matt entrou e estava inclinada sobre a tábua de passar, alisando furiosamente com o ferro a vapor os colarinhos e os punhos das camisas dele.

— Tudo bem, amor?

Matt McCarthy se abaixou para beijá-la, notando suas bochechas coradas e sua mandíbula tensa.

— Não, eu não estou bem droga nenhuma. Não aguento mais.

Ele tirou o casaco de trabalho, com os bolsos cheios de trenas e ferramentas, e jogou-o no encosto de uma cadeira. Estava exausto e ter que acalmar Laura o irritou.

— O Sr. P andou olhando para os peitos dela — disse Anthony, com um risinho.

O menino estava vendo televisão com os pés apoiados na mesa de centro, e o pai empurrou-os para o chão ao passar.

— Ele fez o quê? — Matt endureceu o tom. — Vou lá falar com...

Ela bateu o ferro na tábua.

— Ah, sente-se aí, pelo amor de Deus. Você sabe como ele é. Enfim, não é isso, é o jeito como ele me faz correr de um lado para outro como se eu fosse empregada dele. Todo santo dia. Não aguento mais. De verdade.

Quando ela percebeu que o velho não ia sossegar, voltara em casa para buscar arroz-doce enlatado, resmungando ao passar pelo bosque no caminho para o casarão, a tigela coberta com um pano de prato dobrado.

“Está frio”, dissera ele, enfiando um dedo no doce.

“Não está. Faz só dez minutos que esquentei.”

“Está frio.”

“Bem, Sr. Pottisworth, não é fácil trazer comida da nossa casa para cá sem que esfrie um pouco.”

Ele fizera um biquinho, expressando seu desagrado.

“Agora não quero mais. Perdi o apetite.”

Olhara de volta para ela e talvez tenha notado o tique em sua bochecha. Por um instante, ela se perguntara se seria possível matar alguém com uma bandeja e uma colher de sobremesa.

“Deixe ali. Talvez eu coma mais tarde.” Ele cruzara os braços magros. “Quando eu estiver desesperado.”

— Mamãe diz que vai chamar o serviço social — contou Anthony. — Ela acha que eles podem cuidar do velho.

Matt, se preparando para se sentar no sofá ao lado do filho, sentiu uma pontada de inquietação.

— Não seja boba. Vão interná-lo numa instituição.

— E daí? Outra pessoa terá que aturá-lo e verificar as escaras inexistentes, lavar a roupa de cama e levar duas refeições por dia para ele. Ótimo!

Subitamente energizado, Matt se levantou.

— Ele não tem dinheiro. Para pagar as despesas vão forçá-lo a entregar a casa para eles, não vão? Use a cabeça, mulher.

Ela o encarou. Era uma mulher bonita, magra e ágil na faixa dos trinta e tantos anos, mas seu rosto, afogueado e irritado, parecia o de uma criança teimosa.

— Não me importo. Estou falando, Matt, não aguento mais.

Ele se adiantou rapidamente e a abraçou.

— Poxa, amor. Ele está nas últimas.

— Nove anos, Matt — disse ela, tensa, encostada no peito dele. — Há nove anos fico à disposição dele. Quando nos mudamos para cá, você disse que ele não duraria um ano.

— E pense em toda essa área maravilhosa, no jardim murado, na cocheira... Pense na linda sala de jantar que você planejou. Pense em nós, uma família feliz, à beira de... — Ele deixou a imagem pairar diante dela, criando de novo raízes em sua imaginação. — Olhe, o velho está na cama. Está se desfazendo. Não vai durar muito mais, vai? E quem ele tem além de nós? — Beijou-a no topo da cabeça. — Já tratei dos empréstimos e até pedi para Sven fazer o projeto. Depois mostro para você, se quiser.

— Pronto, mãe. Pensando assim, não faz mal mostrar os mamilos para ele de vez em quando, não é?

Anthony riu, depois gritou quando uma camiseta foi arremessada e o acertou em cheio na orelha.

— Só mais um pouco — pediu Matt, baixinho, num tom carinhoso. — Vamos, amor. Agente mais um pouco, está bem?

Sentiu-a amolecer e percebeu que vencera. Apertou sua cintura, sugerindo com os dedos alguma compensação íntima para mais tarde. Ela o apertou em resposta e Matt desejou não ter feito aquele desvio mais cedo para encontrar a atendente do bar do Long Whistle. É melhor você morrer logo, seu velhaco, disse ele a Pottisworth em silêncio. Não sei por quanto tempo mais consigo manter essa situação.

Ali perto, do outro lado do vale, no quarto principal do casarão, o velho ria de um programa de comédia. Enquanto os créditos passavam, conferiu a hora e jogou o jornal no pé da cama.

Lá fora, uma coruja piou e uma raposa regougou ao longe, talvez defendendo seu território. Não havia diferença entre animais e seres humanos quando se tratava de reivindicar o que era seu, pensou ele com ironia. A raposa, com a urina e a luta, não era muito diferente de Laura McCarthy, com as duas refeições diárias, a preocupação com lençóis limpos e esse tipo de coisa. Cada qual, do seu jeito, marcando território.

Ficou com vontade de comer chocolate. Com uma agilidade que surpreenderia os vizinhos, saiu da cama e foi de fininho até o armário onde guardava as guloseimas: doces e iguarias que mandava Byron comprar quando ele ia à cidade. Abriu a porta e vasculhou atrás de livros e pastas até encontrar o celofane. Agarrou o que pareceu um Kit Kat e puxou-o, imaginando o delicioso chocolate derretido na boca e se perguntando se valia a pena colocar de novo a dentadura.

Primeiro, fechou a porta do armário. Não convinha que Laura soubesse, pensou. Era melhor que o considerasse um impotente. Mulheres como ela precisam se sentir úteis. Sorriu para si mesmo ao lembrar como ela ficara com as orelhas vermelhas quando ele mencionara a calça apertada. Era fácil provocá-la. O ponto alto do dia. No dia seguinte pegaria no pé dela com o assunto dos cavalos, daria força para ela montar pela emoção do exercício. Isso sempre a irritava.

Ao atravessar o quarto, continuava exibindo o sorrisinho malicioso, ouvindo a música tema de outro de seus programas preferidos. Ergueu o olhar. Distraído com a música, não viu a tigela de arroz-doce no chão, onde a deixara mais cedo. Pisou nela com o calcanhar e escorregou suavemente pelas tábuas do chão.

Pelo menos foi isso que o legista afirmou quando as últimas horas de vida de Samuel Pottisworth foram minuciosamente expostas perante o tribunal. O barulho da pancada de sua cabeça no chão teria sido forte o bastante para que escutassem dois andares abaixo. De qualquer maneira, como ressaltou Matt McCarthy, no meio do bosque todos os ruídos eram abafados, então muita coisa passava despercebida. Era um lugar onde quase tudo podia acontecer.

“Descobri que uma casa podia ser o auge dos desejos de alguém, um reflexo de como as pessoas se viam, de como desejavam se ver. Descobri que uma casa — apenas tijolos, cimento, madeira, talvez uma pequena extensão de terra — podia ser uma obsessão.”

Matt e Laura McCarthy são obcecados pela ideia de herdar a Casa Espanhola — uma construção quase em ruínas no condado de Norfolk, interior da Inglaterra, que tem um valor simbólico para os moradores da região. Para atingir esse objetivo, Laura, a mando do marido, faz todas as vontades do velho Sr. Pottisworth, o proprietário. Entretanto, como o homem nunca deixou nada por escrito, a casa acaba sendo passada a uma parente distante chamada Isabel Delancey, uma musicista em busca de um recomeço para a família. Para ela, a construção significa uma oportunidade de dar um jeito em sua conturbada realidade. Mas Isabel ainda não sabe que se tornou um obstáculo no caminho das ambições do casal. Agora eles querem vingança, e ela terá de encontrar forças para vencer mais essa batalha.

ISBN 978-85-510-0066-3



9 788551 000663

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)